

Eco ao longo dos meus passos

GUILHERME DE ALMEIDA

O NOSSO "KLAXON"

Fevereiro, 9, 68.

Foi uma alegria, sincera alegria mesmo, para mim vê-lo, em página inteira do último "Suplemento Literário" do "Estado", tão inteligentemente invocado e evocado por Aracy Amaral. E porque sincera aquela alegria e inteligentes esta invocação e evocação, sinto garantido o meu direito a pequenas observações marginais, esclarecedoras apenas de alguns detalhes que a ferrugem, poeira ou bolor de quarenta e três anos terão empanado.

O "nosso" KLAXON nunca esteve "em período de preparo" antes da Semana de Arte Moderna. Ele foi uma imediata consequência da Semana, indispensável, para que se não dispersasse o espírito. Formou-se instintivamente um verdadeiro "Grupo KLAXON", que se reunia, não no "meu" escritório da rua 15 de Novembro (que era o do meu pai), mas no de meu irmão Tácito e do Couto de Barros, á rua Direita, frente á "Casa Alemã", e chamado por nós "escritório". Ali nos encontramos, imaginávamos, escrevamos, desenhávamos, resolvíamos tudo, amistosa e alegrissimamente sempre. A capa não foi "esboçada" por mim ante um livro de Léger. Nada disso, Couto, Tácito, Aranha, Rubens e eu fomos á "Tipografia Paulista", de José Napoli (rua da Assembléa), onde eu haveria de imprimir, nas cores preto e verde, e rem maiúsculas, os meus livros "MEU" e "RAÇA". E aí foi que compus tipograficamente (sempre adorei arte gráfica) o "enigma pitoresco". Retirei eu mesmo do calçotim das maiúsculas de madeira o que me pareceu melhor: um "A" imenso, igual áquele que estava ali, num cartaz, na parede: o "A" da ópera "Aida", que ia ser cantada no "Municipal". E no componedor, sobre esse "asão", apliquei todos os dizeres da capa, até mesmo o til de São Paulo.

Mário de Andrade foi, sem dúvida, o nosso Anjo da Anunciação. Mas não dos anúncios. Estes, do chocolate e do refrigerante, fui eu mesmo quem os compôs a tesoura e goma-arábica, e quem depois redigiu a nota, que Aracy gentilmente transcreve, em resposta á anunciante que nos retirara o anúncio...

Um detalhe sobre o KLAXON, que não chegou ao conhecimento geral, é a questão das assinaturas. Teve assinantes o KLAXON? — Sim: um único, arranjado por um dos nossos. Um senhor respeitabilíssimo, numa respeitável comarca do Interior. Na rua o nosso 1.º número, foi logo pelo Correio remetido ao assinante. Dias depois, dele recebíamos o exemplar em devolução, acompanhado de uma respeitosa carta que alegava equívoco seu e pedia-nos que não mais lhe enviássemos a revista, que escapava á sua compreensão, e generosamente abria mão do "quantum" de sua assinatura paga adiantadamente. O caso se nos apresentou como matéria grave, a exigir ponderada solução. Reunimo-nos discutimos e chegamos á única lógica conclusão possível. Esta: — Já gastamos a importância da assinatura; somos honestos; não sabemos aceitar esmolas; de sorte que a solução única é condenar o nosso assinante único a receber, queira ou não queira, todos os números de KLAXON. E, se bem o resolvemos, melhor o fizemos. Dentro de envelopes comerciais variegados, de designações diferentes (para evitar novas devoluções), ele recebeu, tim-tim por tim-tim, um por um, todos os poucos regougos roucos loucos ócos do nosso KLAXON. (Nosso mesmo: e de mais ninguém).